



O PERIGO DA HISTÓRIA ÚNICA: COMO O APAGAMENTO DA LITERATURA AFRODESCENDENTE CONTRIBUIU PARA UMA CONSTRUÇÃO CURRICULAR EUROCENTRICA?

Jessica Machado de Sena e Silva¹

Eixo Temático 3: Alfabetização, diversidades e inclusão

Resumo: O estudo foi realizado por uma graduanda do (7º) período de Pedagogia com o intuito de dar continuidade à pesquisa de fase inicial e cunho bibliográfico a respeito do apagamento da literatura afrodescendente nos materiais da Educação Infantil nas disciplinas de Educação Estética e Currículo, e Abordagens Pedagógicas da Educação Infantil. O artigo parte da premissa que o perigo da história única nos faz despertar o cuidado de não ficarmos presos a uma suposta versão dos fatos e como o uso de uma fonte exclusiva é nociva para a cultura, os costumes e a visão de mundo do Continente Africano e dos povos afrodescendentes, plano de fundo desse estudo. Encaminhando para alfabetização e construção curricular, questionamentos foram surgindo: como esse apagamento contribui para uma construção curricular eurocêntrica? Quais panoramas ocorrem e/ou ocorreram para tal Litericídio? O estudo busca questionar a imagem do herói branco e como suas histórias foram legitimadas, além de propor a reflexão pela ótica da verdade sendo relativa de acordo com as narrativas de quem estava/está no poder. O objetivo principal é elencar os panoramas do Litericídio de narrativas pretas em sala de aula e a legitimação de uma verdade pelos setores, povos e grupos de poderio que influenciaram na ascensão de potências políticas e econômicas. O referencial teórico base dessa pesquisa tem como ponto de partida ARCHIE (2009) e MORRISON (1992). Dialogamos com KILOMBA (2019) e MONANGA (2004). Recorremos a GONZALEZ (1982) e THIONG´O (1986). Por fim GIROUX (2002) e HOOKS (1992).

Palavras-chave: Litericídio; Alfabetização; Currículo; Diversidade; Estética.

¹ Graduanda de Pedagogia pela UERJ - Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Bolsista de Prodociencia pela UERJ - Universidade Estadual do Rio de Janeiro Contato: JHONDICLIIFE@yahoo.com

Introdução

O perigo da história única nos faz despertar o cuidado de não ficarmos presos a uma suposta versão dos fatos e como o uso de uma fonte exclusiva é nociva para a cultura, costumes e a visão de mundo do Continente Africano e dos povos afrodescendentes, plano de fundo desse estudo.

O silenciamento de povos e a não oportunidade de resposta, ocorre quando pegamos uma determinada sentença e a colocamos no patamar de verdade absoluta.

Para Adichie (2009), o problema da história única é enfatizar a única verdade, a única versão, e silenciar todas as outras vozes. O que nos leva a refletir quantos equívocos e esteriótipos são criados em nossos pensamentos se seguirmos por esse caminho obscuro do apagamento, do não procurar outras fontes de informação?

Podemos chamar de Litericídio, termo utilizado por Lília Schwarcz², para esse caminho de morte dessa literatura perseguida e comumente desqualificada, a não narrativas desses corpos e a escolha de matá-los literariamente. Encaminhando para alfabetização e construção curricular, questionamentos foram surgindo: Como esse apagamento contribui para uma construção eurocêntrica? Quais panoramas ocorrem e/ou ocorreram para tal Litericídio?

O estudo têm o intuito de questionar a imagem do herói branco e como suas histórias foram legitimadas, além de propor a reflexão partindo da premissa do perigo da história única, da verdade sendo relativa de acordo com as narrativas de quem estava/está no poder. O objetivo principal é elencar os panoramas do Litericídio de narrativas pretas em sala de aula e a legitimação de uma verdade pelos setores, povos e grupos de poderio que influenciaram na ascensão de potências políticas e econômicas às quais impérios ficaram de pé e outros brutalmente dizimados.

2 A imagem do herói e a importância da Literatura

O costume de seguir os grandes mestres da História (generais, os guerreiros, os pensadores hegemônicos e colonizadores) influenciou para a ascensão de potências políticas e econômicas às quais impérios ficaram de pé e outros foram brutalmente dizimados.

Esse costume remonta a tempos antigos e é uma prática que tem suas origens em

² O termo "litericídio" foi utilizado pela primeira vez pela escritora brasileira em seu livro "As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um Monarca nos Trópicos", publicado em 1998. A palavra é utilizada para descrever o processo de destruição da literatura brasileira que ocorreu durante a ditadura militar no Brasil em (1964- 1985), quando livros foram censurados, queimados e proibidos de circular no país.

várias culturas e civilizações ao redor do mundo. Na antiguidade, muitas sociedades humanas desenvolveram figuras proeminentes que eram referenciadas e seguidas como líderes a serem seguidos. Por exemplo, na Grécia Antiga, filhos como Sócrates, Platão e Aristóteles eram considerados grandes mestres cujas ideias e ensinamentos eram altamente valorizados. No Império Romano, generais e imperadores como Júlio César e Augusto eram idolatrados. No contexto das colonizações e expansões imperiais, os exploradores, colonizadores e líderes militares de países hegemônicos muitas vezes eram exaltados e seguidos por suas conquistas e poder. Por exemplo, durante o período das grandes navegações e expansão colonial europeia, exploradores como Cristóvão Colombo e navegadores como Vasco da Gama eram celebrados em suas terras de origem.

Esses líderes são responsáveis de promoverem práticas opressivas como a colonização, a escravidão e a discriminação racial dentre outras formas de opressão.

A história de grandes heróis brancos foi legitimada de diversas formas ao longo do tempo, muitas vezes por meio de controle de narrativas históricas por aqueles que detinham o poder político e econômico. Com o propósito único de utilizar a tecnologia a favor do conhecimento acadêmico, respeitando a transparência e a ética das informações, evidenciamos que a seguinte sentença foi colocada no Chat GPT³: De quais formas a história de grandes heróis brancos foi legitimada ao longo do tempo? Obtendo os seguintes resultados:

- a) História escrita por pessoas brancas: a maioria parte da história escrita nas sociedades ocidentais foi escrita por homens brancos, o que significa que muitas das histórias ao longo do tempo foram influenciadas por suas perspectivas e experiências.
- b) Mitificação de figuras históricas brancas: as figuras históricas brancas são frequentemente mitificadas em narrativas históricas, tornando-se símbolos de heroísmo e virtude. Essas figuras são frequentemente apresentadas como indivíduos excepcionais que superaram desafios extraordinários e que foram cruciais para o desenvolvimento e sucesso de uma sociedade.

Para fortalecer os fatos citaremos Hooks, (1992):

A imagem do herói branco é um mito que tem sido utilizado para justificar a dominação branca sobre outras raças e culturas. (HOOKS, 1992).

Segundo Davis (2016), a imagem do herói branco é uma representação falsa e perigosa da realidade, uma representação que obscurece as injustiças e opressões que os povos

³ O "ChatGPT", ou Generative Pré-trained Transformer, é uma plataforma de inteligência artificial (AI) desenvolvida pela OpenAI, uma startup fundada por Elon Musk, Sam Altman, Peter Thiel entre outros, tem como objetivo promover a inteligência digital de uma forma que beneficie a humanidade como um todo.

marginalizados enfrentam.

A literatura tem o poder de deixar viva a história de um povo e a sala de leitura auxilia no conhecimento de diversos povos, culturas, costumes que desde cedo serão inseridos na educação. O que não podemos mais é aceitarmos currículos eurocêntricos com apenas um lado vencedor, digamos assim. Pelo contexto histórico da literatura infantil ter tido início na Europa, em meados do século XVIII, devido às transformações sociais da época e a criança ser vista como tal, deixando para trás a concepção de mini adulto, ficamos presos a títulos que tentavam descrever esse indivíduo infantil. A partir de então, obteve um novo status e, se antes consumia as mesmas obras literárias dedicadas aos adultos, no novo cenário ganhou um espaço literário só para ela, mas com a hegemonia da época⁴.

A partir dessa contextualização de um recorte histórico podemos ver surgir, o ato de violência de litericídio, o qual nega os povos afrodescendentes o direito de contar suas próprias histórias e de serem reconhecidos como sujeitos culturais plenos. Para corroborar tais afirmativas citaremos Evaristo, (2014):

O litericídio é uma prática que consiste em apagar a história, a cultura e a literatura de um povo, perpetuando assim a sua invisibilidade e marginalização. (EVARISTO, 2014).

De acordo com Kilomba (2019), o litericídio é uma forma de opressão que contribui para a invisibilização e a desumanização dos povos afrodescendentes.

Para elucidar a importância da literatura citaremos Cândido, (1995):

A literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CÂNDIDO, 1995).

3 O perigo da história única e o apagamento da literatura afrodescendente

Nessa sessão abordaremos como o apagamento da literatura afrodescendente contribuiu para a construção curricular eurocentrica. Sobre a exclusão dos negros na literatura citaremos Morrison (1992):

A exclusão da literatura afrodescendente é um tipo de genocídio cultural, uma forma de negar a humanidade das pessoas negras. (MORRISON, 1992).

⁴ Contextualização retirada do artigo “**A importância da sala de leitura na educação infantil para uma educação antirracista**”. Disponível na sessão de referências.

Para Munanga (2004), o litericídio é uma violência simbólica que afeta a identidade e autoestima de um povo, além de perpetuar o racismo e a exclusão. Trabalhando a sensibilidade do tema, Thiong'o (1986), diz que a história única é perigosa por romper a dignidade dos povos, tornando nossas identidades e culturas em algo abstrato, que não podemos mais sentir em nossos corações.

O colonialismo também faz parte do panorama condutor dessa pesquisa. Afinal ele não se restringe a exploração econômica, engloba a opressão cultural e psicológica. Afim de fundamentar a discussão citaremos Quijano (2005):

O Colonialismo não é algo que possa ser considerado como tendo sido superado historicamente, pois suas formas e práticas são, em grande parte, a base do sistema mundial contemporâneo. (QUIJANO, 2005).

O apagamento da literatura afrodescendente contribuiu para a construção curricular eurocêntrica de várias maneiras. Uma delas é que a literatura europeia é considerada desde os primórdios das civilizações um referencial cultural e universal. Quando se trata de literatura, seu cânone literário é fortemente usado como medida para avaliar a qualidade e a importância da literatura de outras regiões e culturas. Sua forte influência fez que a literatura africana e afrodescendente fosse marginalizada e excluída dos currículos escolares e universitários por séculos a fio. Perpetuando a ideia errônea de que não ter valor e relevância para a história e a cultura, em geral, contribuindo para uma compreensão distorcida e incompleta de seus discursos, pensamentos e grandes feitos e na construção de um currículo eurocêntrico.

4 Observações importantes

A história era contada para que a sociedade agisse da forma que eles queriam e/ou quisesse. A escola e a escolarização foi fundada e pensada para moldar o pensamento da sociedade. Para Gonzalez (1982), a escola reproduz uma ideologia dominante que favorece a cultura eurocêntrica, reforçando a subalternidade das culturas não ocidentais. Sobre o poder da Educação e sua influência na formação comportamental dos indivíduos citaremos Giroux (2002):

A educação é um poderoso meio de manter o status quo. Através da educação, a cultura dominante molda a mente das gerações futuras e perpetua sua hegemonia. (GIROUX, 2002).

A manipulação da aparência física e de imagem estética decide na descrição a ser perseguida, morta e escravizada. Através dessas informações importantes podemos assim alegar que informações que são reproduzidas e enraizadas são potentes causadoras de estigmas e estereótipos daquilo que a pessoa talvez nunca viu e descreve como se fosse

verdade. Temos como exemplo, o Continente Africano e o vídeo⁵ que viralizou de uma professora perguntando aos seus alunos qual a primeira coisa que os vem na cabeça quando se pensa a palavra África.

Pelos povos africanos terem sido demonizado e o estigma de inferiores ter sido enraizado, que estereótipos tais, fome, pobreza, miséria, escravidão, saíram como resposta.

Estética e cenários desiguais são construídos através de narrativas hegemônicas para que um lado seja vencedor e levantado como potência dominante. Essa opressão concretiza com o apagamento de representantes que contém o outro lado da História.

O Litericídio ocorre para amordaçar autores, obras às quais está em posse do oprimido, expondo a covardia do desigual. Mediante a premissas consistentes e panoramas devidamente apresentados, podemos defender que a escola em pleno 2023, não tenha e/ou afirme uma história única. As escolas devem servir de trincheira para uma Educação Antirracista⁶ e em pró da diversidade.

Mas, como faremos isso se a literatura afrodescendente e indígena não está presente nos materiais de leitura da Educação Básica e continua sendo atacada dentro de um racismo estrutural? Se currículos mesmo com a lei 10.639/03⁷ que completou 20 anos em vigência não tem sua obrigatoriedade assegurada?

O branqueamento dos currículos e domínio de diretrizes faz parte dessa morte do nosso povo e o surgimento de nossas origens. A diversidade deixa de ser representada e ser respeitada em sua totalidade.

5 Metodologia

A presente pesquisa foi desenvolvida através de revisão bibliográfica com base em sua fundamentação teórica. A leitura do livro Lugar de Negro, Leia Gonzalez (1982), feita em torno de 10 dias com a finalidade de compreender as questões raciais no Brasil. A palestra de Conceição Evaristo, assistida em 4 de maio de 2023, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro e o vídeo do discurso de Chimamanda Ngozi, foram as principais motivações desse artigo.

⁵ Link do vídeo “O conhecimento liberta | Antes e depois de uma aula sobre África”
:https://www.youtube.com/watch?v=4YRScgmWJ0s

⁶ É possível discutir mais sobre o assunto no artigo “A inclusão de contos africanos nos materiais de leitura na educação infantil” motivador da presente pesquisa. Disponível na sessão de referências.

⁷ Lei que estabelece o ensino obrigatório da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio.

6 Resultados e Discussão

O estudo ampliou a compreensão do problema sobre a exclusão da literatura afrodescendente e suas consequências para a sociedade. Seu desenvolvimento estruturado, tornou possível o diálogo crítico sobre a questão racial e cultural. A imagem do herói branco foi construída para ser utilizada de mito e justificar a dominação branca sobre as outras culturas.

Podemos evidenciar a gravidade do litericídio sendo uma prática de exclusão e violência simbólica, contribuindo para a marginalização quando se nega a humanidade e a história afrodescendente, os invisibilizando na sociedade.

7 Considerações Finais

Por ser uma pesquisa em andamento, até o momento concluímos ser nocivo deixar de fora a cultura, os costumes e a visão de mundo dos povos afrodescendentes e indígenas. Para isso, a Escola deve reconhecer seu papel de experimentação e de construção coletiva do conhecimento.

Uma educação antirracista, só é possível ao se abrir para o mundo e a diversidade. A participação e o diálogo devem ser indispensáveis para que possamos pensar novas diretrizes curriculares, visando servir de trincheira e combate a história única.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br. Acesso em: 07 maio 2023.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: _____. Vários escritos. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

GIROUX, Henry. **Teoria e Resistência em Educação: Uma Pedagogia para a Oposição**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GONZALEZ, Lélia. **Lugar de Negro**. 2. ed. São Paulo: Marco Zero, 1982.

HOOKS, bell. **Black Looks: Race and Representation**. 1. ed. Boston: South End Press, 1992.

SILVA, Jessica Machado De Sena E. **A inclusão de contos africanos nos materiais de leitura na educação infantil**. Anais VII CONEDU - Edição Online... Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/67725>. Acesso em: 15/05/2023.

SILVA, J. M. S.. **A importância da sala de leitura na educação infantil para uma educação antirracista**. IV Colóquio raça e interseccionalidades: discurso, raça e interseccionalidade na contemporaneidade. 1ed.Franca - São Paulo: CIP - BRASIL, 2021. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1RQQzDTZriwYIv_1jUOyF6Wa61sb7EmpC/view?fbclid=IwAR2wLOHdm97qg0QmyRxixiHoWbZoOTsSF_ht0fpxM7DqHWb4U7SBPafllou. Acesso em 15/05/2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MORRISON, Toni. **Playing in the Dark: Whiteness and the Literary Imagination**. **Cambridge**: Harvard University Press, 1992.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Clacso, 2005a.

THIONG'O, Ngũgĩ wa. **Decolonizing the Mind: The Politics of Language in African Literature**. Londres: James Currey, 1986